



Data: 24.08.2019

Título: A greve explicada às criancinhas

Pub: **Expresso** **ECONOMIA**



Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;8

OPINIÃO

A greve explicada às criancinhas

JOÃO DUQUE^{E8}

Área: 199cm²/ 7%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6572140



“Confusion de Confusiones”

João Duque

jduque@iseg.ulisboa.pt

PAIZINHO

Paizinho, explica-me o corporativismo do Estado Novo que vingou até 25 de abril de 1974.

— Bem, meu filho, isso foi um modelo económico que se opôs à ideologia liberal do século XIX e que, também em oposição à visão marxista da luta de classes, defende um modelo forte centrado em corporações que sentavam à mesa, entre outros, os grémios (representantes do capital) e os sindicatos nacionais (representantes dos trabalhadores).

— E isso foi bom?

— Bem, espaços de diálogo e negociação deveriam ser bons para que partes com interesses parcialmente divergentes se aproximem. Mas o sistema acabou por ser o que António Sérgio dizia: era como imaginar que meter um gato e um cão num saco os inibiria de lutar. No caso, os operários na maioria das empresas acabaram muito mal pagos... Olha, não havia greves!

— Mas, paizinho, quando os serviços mínimos impostos hoje na greve dos motoristas são iguais ao trabalho normal e quando o senhor primeiro-ministro diz que “no limite pode não haver distinção entre serviços mínimos e serviço normal” isso não é acabar com a greve?

Espaços de diálogo e negociação deveriam ser bons para que partes com interesses parcialmente divergentes se aproximem

— Bem filho, agora é democracia e há direito à greve! Dantes os grevistas eram detidos!

— E agora quando a GNR vai a casa buscar os motoristas para os “alertar” para as consequências de um desrespeito da lei não é igual?

— Bem filho, o Governo da altura tomava sempre a defesa do patronato.

— Como agora na greve dos motoristas, paizinho?

— Ora rapaz, os trabalhadores exageraram tanto na I República que deram razões para lhes retirarem esse direito!

— Não foi isso que quis dizer o senhor Jerónimo de Sousa ao ameaçar os motoristas que estariam a dar “pretextos para limitar a greve”?

— Além disso as negociações fracassavam porque havia sempre quem fizesse o papel de pseudonegociador.

— Como fez agora a Fectrans, paizinho?

— Antes o Governo até usava os meios públicos para defender interesses privados!

— Como agora, paizinho? Ou será que as empresas transportadoras que usam militares vão pagar ao Estado o custo desse pessoal usado nos fretes que vão receber pelo transporte realizado?

— Irra! O Governo de Salazar nunca aprovaria greves porque elas “atingiam mais a população do que o patronato”.

— Bem, paizinho, não foi isso que o senhor Jerónimo de Sousa disse para condenar esta greve dos motoristas?

— Hum...

— Tudo a bem da nação e nada contra a nação, paizinho?

— Chiu rapaz! Ainda me arranjias um 31!

— Como paizinho? Vivemos em liberdade...

